

# CAMINHOS DE FUTURO

NOVOS MAPAS PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS



18 > 21 Junho 2008

\* Colóquio Internacional

Teatro Académico Gil Vicente  
Auditório da Faculdade Direito  
Auditório da Reitoria Universidade de Coimbra

## SESSÃO II. Teorias e metodologias de investigação e de intervenção: analisar para transformar?

19 de Junho, 14h30-16h30

As metodologias utilizadas pelas Ciências Sociais e Humanas (CSH) são muito diversificadas, revelando frequentemente tensões internas. O debate nesta área tem incidido frequentemente sobre a dicotomia entre metodologias quantitativas e qualitativas, privilegiando-se um paradigma da racionalidade tecnicista, que marginaliza considerações sobre a sua própria natureza e consequências políticas. Torna-se assim necessário questionar de que modo as metodologias utilizadas pelas CSH têm vindo (e podem vir) a desafiar este paradigma da racionalidade tecnicista, ou seja, como é que as questões que colocamos, os objectos que escolhemos, os métodos que utilizamos, e as formas de “devolução” dos resultados podem tornar as nossas investigações mais emancipatórias. Para tal, será necessário analisar as novas configurações de um paradigma da racionalidade política (“engajada”, colaborativa, solidária, participativa), assim como os seus limites. Essa análise deverá questionar também o que muda na nossa perspectiva sobre o conhecimento, se admitirmos a subjectividade, o desejo e a localização do crítico. Por outro lado, as metodologias das CSH revelam também fortes ligações a outras áreas e perspectivas, pelo que as fronteiras tradicionais têm sido transgredidas, como é o caso da literatura e da sociologia, ou da teoria e da política. A emergência de áreas como os estudos culturais e os estudos dos média são bons exemplos dessa fertilização mútua de campos e disciplinas. O alargamento dos conceitos de cultura, por um lado, e de texto, por outro, abrem novos horizontes teóricos e metodológicos; para além da visibilidade dada a grupos subalternos e do reconhecimento de novos objectos culturais, os estudos culturais conseguiram legitimar o cunho político da crítica. Por sua vez, com os estudos das culturas digitais, o hipertexto veio dar novo alento à teoria crítica e literária, como laboratório de recriação dos conceitos tradicionais de epistemologia, agência e ética. A análise das transformações introduzidas pelo suporte virtual à economia da escrita, da leitura, da pesquisa e da comunicação vem desvendando um vasto campo de questões. A interacção que marca as práticas digitais exige a renovação do nosso entendimento do que é um autor, um leitor, um texto, e do que é, também, o significado.

Finalmente, o esgotamento da escala nacional de análise alterou o enquadramento da relação entre a produção do conhecimento e a intervenção social, fazendo-nos repensar as funções do intelectual público. As múltiplas dinâmicas de transnacionalização, inclusive dos próprios profissionais, abre a hipótese de as CSH se desligarem do Estado, escolherem outros parceiros de intervenção e criarem novos contextos de luta política. Esta possibilidade é tanto mais promissora num momento em que a Universidade atravessa, também ela, transformações profundas, que põem em causa a continuidade do seu papel na afirmação dos intelectuais públicos e na projecção e credibilização social do conhecimento em CSH. Perguntamo-nos, enfim, até que ponto poderão estas mudanças potenciar a renovação das teorias e das metodologias e levar as CSH a ultrapassar o tradicional impasse entre a análise crítica e a transformação política.

Mary Layoun | *Mapas do Aqui e Agora: Visionando o pós-Aqui e o pós-Agora*

A metáfora de um mapa das nossas maneiras de conhecer e ver e agir no mundo é particularmente rica para a reflexão sobre o saber académico e a transformação social. A espacialização inerente do mapa, quaisquer que sejam os seus contornos, permite uma compreensão situada de territórios diversos, em relação aos quais qualquer posição tem uma localização diferente e, por isso, é capacitada e des-capacitada de modo diverso. Esta metáfora sublinha a permeabilidade das perspectivas e percepções para lá de uma localização única. E aponta estruturalmente, mesmo que apenas de modo implícito, para uma posição colectiva para além da localização individual.

Há mais de um quarto de século, ao reflectir sobre uma nostalgia neo-freudiana por um derradeiro momento de cura, no qual as dinâmicas do inconsciente propriamente dito ascenderiam à luz do dia e da consciência e seriam, de alguma maneira, “integrados” numa lucidez activa sobre nós próprios e sobre as determinações dos nossos desejos e comportamentos, Fredric Jameson observou com perspicácia que “a cura, neste sentido, é um mito”. “Da mesma maneira”, acrescenta, “há uma miragem equivalente no quadro de uma análise ideológica marxista”.

Nomeadamente, a visão de um momento no qual o sujeito individual adquiriria, de algum modo, plena consciência da sua determinação de classe e ficaria capaz de encontrar a quadratura do círculo do condicionamento ideológico, através de pura lucidez e da conquista do saber<sup>1</sup>.

Se o Inconsciente Político de Jameson se focaliza, de uma forma bastante desordenada, no crítico, analista ou cientista individual e na sua missão de analisar e teorizar ao ponto de praticamente se excluir do empenhamento num mundo material com outros, a visão da nota admonitória de Jameson constitui, apesar de tudo, um ponto de partida valioso para a análise dos modos em que o estudo e a análise implicam mudança ou transformação - daquilo que estudamos, daqueles com quem aprendemos e estudamos, de nós mesmos. “Somos transformados por aquilo que perseguimos”, afirmou a jovem activista americana, Rachel Corrie, num email alguns dias antes de ser esmagada e assassinada por um bulldozer israelista fabricado pela U.S. Caterpillar.

Em “Mapas do Aqui e Agora: Visionando o pós-Aqui e o pós-Agora”, recorrerei às lições ricas que aprendi enquanto estudava os esforços de justiça social para transformar a vida política, social e cultural de Chipre e da Palestina / Israel para propor algumas reflexões, não apenas sobre “a subjectividade, o desejo e a localização do crítico”, mas também sobre as formas de conhecer e de agir para transformar que são colaborativas, participativas de maneiras diversas, e poéticas<sup>2</sup> bem como práticas e políticas<sup>3</sup>.

## **José Manuel Mendes | *Para além das narrativas e das tecnologias: redes indizíveis e o papel das resistências***

Partindo do artigo interpelante de Andrew Abbot “Against Narrative: A Preface to Lyrical Sociological”, pergunta-se sobre as possibilidades da análise sociotécnica, da teoria do actor-rede ou da sociologia da tradução para transitarem as particularidades das situações sociais e dos dilemas que se colocam aos actores sociais e aos cientistas sociais, assim como da necessidade de incorporação na análise das emoções e do imponderável do social.

Se os discursos são essenciais para a performance do social, é crucial interrogarmo-nos sobre os limites das narrativas e activar uma sociologia das ausências. O que é que torna invisível a análise das redes sociotécnicas? Como relatam os investigadores aos leitores as suas relações e as suas hesitações quanto aos sujeitos e objectos de estudo? Que temporalidades são apresentadas e como se encadeiam as mesmas nas narrativas?

Apoiando-me na análise de situações de catástrofe ou de acontecimentos extremos, proponho acrescentar aos grupos envolvidos e aos grupos órfãos, definidos por Michel Callon, a noção de grupos descartáveis. Esta designação, proposta por Henri Giroux a propósito do impacto do furacão Katrina em Nova Orleães, orienta-nos para o trabalho político que coloca fora das redes sociais, como irrecuperáveis, todos os que não criam ou não possuem valor na perspectiva hegemónica e que, por conseguinte, não são construídos como portadores de direitos. Podem estes grupos ser enunciados em termos de redes sociais ou sociotécnicas?

O objectivo da comunicação é perguntar se as ciências sociais podem contribuir, de forma humilde, crítica e numa lógica de resistência, e a partir de índices, de brechas nas redes sociotécnicas, das hesitações, dos não-ditos nas narrativas, a pensar os grupos descartáveis e a discernir uma realidade fluida, composta de conexões parciais, de cristalizações sempre instáveis de dispositivos de poder, uma realidade que pode ser trabalhada politicamente.

---

<sup>1</sup>Fredric Jameson, “The Dialectic of Utopia and Ideology”, in *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act* (Cornell, 1981), 283

<sup>2</sup> Tal como em  $B \ni \cdot \emptyset \Phi 4H$  representando um fazer criativo.

<sup>3</sup> Tal como em  $B \Delta \zeta > 4H$  representando acção,  $B \ni 84946 \bar{H}$  relativo ao membro de uma comunidade ou cidadão.

Contrariamente à perspectiva de Foucault, o poder não é visto como a matriz estrutural que condiciona e produz tecnologias de controle sobre os corpos, os grupos e as comunidades, mas sim uma resposta, uma produção, uma reacção a actos, corpos, emoções, grupos e colectivos que colocam em causa os saberes e as práticas hegemónicas. Daí a importância de uma análise e de metodologias que possam estar atentas às brechas, às fissuras, às pequenas e grandes resistências, à ductilidade dos laços, dos compromissos e dos modos de vida.

### Sobre os Participantes

Moderadora:

**Virgínia Ferreira** é doutorada em Sociologia pela Universidade de Coimbra, Professora Auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) e Investigadora do CES. É desde 2004, membro da rede da Comissão Europeia *Expert Group on Gender and Employment*. As suas áreas de especialização são a sociologia das relações sociais de sexo, do trabalho e do emprego e as políticas públicas para a igualdade de mulheres e homens. É co-organizadora de *Shifting Bonds, Shifting Bounds: Women, Mobility and Citizenship in Europe*. Oeiras: Celta, 1998 (com Teresa Tavares e Sílvia Portugal) e autora de inúmeras publicações nacionais e internacionais, tendo no prelo: *Relações Sociais de Sexo e Segregação do Emprego, A Maternidade e a Paternidade no Local de Trabalho: Direitos, Práticas e Representações* (Co-Autora, CITE), *Os Escritórios em Portugal: Trabalho, Emprego e Identidades* (Afrontamento) e *Sexo ou Género? A definição das mulheres e dos homens como colectivos sociais* (Celta Edit).

Conferencistas:

**Mary Layoun** é Professora da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Wisconsin-Madison, especialista em Literatura Comparada. As suas áreas de interesse incluem as relações este-oeste, as literaturas do “terceiro mundo”, política e cultura, cultura visual, narrativas, retórica e nacionalismos. Entre outros títulos, escreveu *Wedded to the Land? Gender, Boundaries, & Nationalism in Crisis*, Durham and London: Duke University Press, 2001.

**José Manuel Mendes** é Presidente do Conselho Científico do Centro de Estudos Sociais e Professor Auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. As suas áreas de interesse são o risco e a vulnerabilidade social, o planeamento e o ordenamento do território, as identidades sociais e as desigualdades sociais. É autor de *Do ressentimento ao reconhecimento: Vozes, identidades e processos políticos nos Açores*, Porto: Edições Afrontamento, 2003.

Comentadores:

**Cláudio Torres** é arqueólogo e islamista, director do Campo Arqueológico de Mértola, responsável pela notável investigação que tem trazido à luz a importância daquela vila durante o período de ocupação islâmica. É autor, entre outros, de *Portugal Islâmico - os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, 1998 (com Santiago Macias). Recebeu o “Prémio Pessoa” (1991) e o “Prémio Rómulo de Carvalho” (2001). É o representante de Portugal no Comité do Património Mundial da UNESCO.

**Marisa Matias** é Investigadora do Centro de Estudos Sociais e doutoranda da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. As suas áreas de interesse incluem as relações entre ambiente e saúde pública, ciência e conhecimentos e democracia e cidadania. Escreveu, entre outros textos, “Rumo a uma saúde sustentável: Saúde, ambiente e política”, *Saúde e direitos humanos*, 3, 2006 (com João Arriscado Nunes), e “Don’t treat us like dirt: The fight against the co-incineration of dangerous industrial waste in the outskirts of Coimbra”, *South European Society & Politics*, 9, 2004.